

CONFLITOS ÉTNICO-NACIONALISTAS E SEPARATISMO



CONTEXTO

Nações e nacionalismo no novo século

“Atualmente existe uma ampla literatura acadêmica a respeito da natureza e da história das nações e do nacionalismo, produzida sobretudo desde a publicação de diversos textos **seminais**, na década de 1980. A partir daí, o debate sobre o tema tem sido contínuo. Contudo, como estamos na entrada do século XXI, uma breve pausa pode ser útil para considerarmos as notáveis mudanças históricas que ocorreram nas últimas décadas e que provavelmente o afetarão. A principal delas é o surgimento de uma era de instabilidade internacional iniciada em 1989, cujo fim ainda não se pode prever. Esse é o propósito da presente nota.

[...] Desde 1989, e pela primeira vez na história europeia desde o século XVIII, deixou de existir um sistema de poder internacional. As tentativas unilaterais em prol do estabelecimento de uma ordem global até aqui não tiveram êxito. Enquanto isso, a década de 1990 viu uma notável **balcanização** de grandes regiões do Velho Mundo, sobretudo por meio da desintegração da União Soviética e dos regimes comunistas nos Balcãs, o que provocou a maior ampliação no número de Estados soberanos internacionalmente reconhecidos desde a descolonização dos impérios europeus entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a década de 1970. A

composição das Nações Unidas aumentou em 33 países (mais de 20%) desde 1988. Esse período viu também o aumento dos chamados ‘Estados falidos’, onde ocorre o virtual colapso da efetividade dos governos centrais, ou uma situação endêmica de conflito armado interno, em diversos Estados nominalmente independentes em certas regiões, notadamente a África e a região dos Estados ex-comunistas, mas também em pelo menos uma área da América Latina. [...].

Essa instabilidade é dramaticamente acentuada pelo declínio do monopólio da força armada, que já não está nas mãos dos governos. A Guerra Fria deixou em todo o mundo um enorme suprimento de armas pequenas, mas muito potentes, e outros instrumentos de destruição para usos não governamentais, que podem ser facilmente adquiridos com os recursos financeiros disponíveis no gigantesco e incontrolável setor paralegal da economia capitalista global, em fantástica expansão. A chamada ‘guerra assimétrica’ que aparece nos debates estratégicos atuais dos Estados Unidos consiste precisamente na capacidade desses grupos armados não estatais de sustentar-se quase que indefinidamente em luta contra o poder do Estado, nacional ou estrangeiro.”

HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 86-87.

- Que acontecimento ocorrido em 1989 inaugurou, de acordo com o texto, uma nova era de instabilidade?
- Qual a provável razão do aumento do número de países integrantes da Organização das Nações Unidas?
- Explique a expressão “guerra assimétrica”.

Seminal
Inovador.

Balcanização

O termo faz referência aos diversos conflitos étnico-nacionalistas que ocorreram e ocorrem na Península Balcânica; sua origem está relacionada ao desmembramento da ex-Iugoslávia e a palavra é utilizada para se referir aos movimentos separatistas que se alastraram em diversas partes do mundo.

1 GLOBALIZAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO

Nas últimas décadas do século XX, ao mesmo tempo em que se intensificava o processo de globalização, ampliavam-se os conflitos étnico-nacionalistas, muitos deles relacionados a movimentos separatistas. A ampliação desses conflitos revela uma situação aparentemente contraditória. Ao mesmo tempo em que a reprodução da modernidade, em nível global, tende a homogeneizar hábitos – por meio do consumo e da indústria cultural – e a integrar mercados – por meio das organizações supranacionais –, diversos povos reforçaram sua identidade étnica, lutando e conquistando a **autonomia nacional**, fragmentando o mundo num número cada vez maior de países. Leia o *Entre aspas*.

Os conflitos étnico-nacionalistas estão relacionados, de modo geral, à formação de países que abrigam diversas nações (**multinacionais ou multiétnicos**). São conflitos históricos, de origens diversas, que, em alguns casos, se aguçaram com o final da Guerra Fria e o enfraquecimento do bloco socialista, como foi o caso dos países do Leste europeu, após a desintegração da ex-União Soviética e a perda de sua área de influência.

Os principais fatores que motivam as lutas separatistas de cunho **nacionalista** são a não aceitação das diferenças étnicas e culturais, a existência de privilégios impostos pela supremacia de um grupo sobre outro, os interesses econômicos de determinados grupos sociais e o desejo das nações de constituírem seus próprios Estados.

Visões nacionalistas extremistas pregam o uso da força para defender seus interesses e consideram o outro, em função das diferenças étnicas, como inimigo e adversário. Nessa concepção, o nacionalismo confunde-se com o racismo e a **xenofobia**. Foi essa concepção de nacionalismo que Hitler colocou em prática na Alemanha nazista de 1933 a 1945 (figura 1).



Figura 1. Multidão saúda líder nazista Adolf Hitler durante discurso no estádio Nuremberg, Alemanha, em 1937.

“ ENTRE ASPAS

Nacionalismo

Trata-se de um sentimento de consciência coletivo de pertencer a uma nação, ou seja, de compartilhar uma língua, cultura, valores sociais e uma região geográfica carregada de significados históricos. O nacionalismo é a força que une um conjunto de pessoas que aspiram o domínio de um território comum e preservação da sua identidade nacional. Muitas vezes, o nacionalismo ao glorificar virtudes nacionais é usado para subestimar e excluir os direitos de outras nacionalidades.

Xenofobia

O termo é usado aqui para referir-se às formas de preconceito étnico, cultural e a grupos minoritários estrangeiros.

2 CONFLITOS ÉTNICO-NACIONALISTAS NA EUROPA

Os conflitos étnico-nacionalistas na Europa, multiplicados no final do século XX, devem ser analisados nos contextos histórico-geográficos em que se desenvolveram. Alguns existem há séculos e se relacionam aos processos de incorporação dos territórios de outros grupos, como é o caso da dominação inglesa sobre os irlandeses e escoceses, e da espanhola sobre os bascos e catalões.

Os confrontos mais violentos ocorreram na ex-Iugoslávia, na Península Balcânica. A origem das hostilidades étnicas nesse país remonta à época da expansão dos impérios Otomano e Austro-Húngaro e da sua decomposição no início do século XX. Esses impérios controlavam diversas nações, que foram agrupadas num único Estado no pós-Segunda Guerra – situação responsável pela instabilidade nas fronteiras dessa região.

CONFLITOS NOS BÁLCÃS

Já no século XV, quando foi ocupada pelo Império Turco-Otomano, a região da **Península Balcânica** era alvo de disputas. No final do século XIX, foi a vez de o Império Austro-Húngaro conquistar boa parte das terras que posteriormente formariam a **Iugoslávia**, que significa “eslavos do sul”.

A população iugoslava era composta de várias nações e algumas delas encontravam-se espalhadas por praticamente todas as seis repúblicas que formavam o país: Eslovênia, Croácia, Macedônia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia e Montenegro. Além disso, predominavam três religiões (a muçulmana, a cristã ortodoxa e a católica romana) e falavam-se diversos idiomas (o sérvio-croata, o esloveno, o albanês, o húngaro, o macedônio e a língua bósnia).

Os conflitos entre as diferentes nações que formavam a Iugoslávia eram frequentes. Durante a Segunda Guerra Mundial, as diferenças foram amenizadas devido à ocupação nazista da região. Para combater a invasão, formou-se um movimento de resistência (**partisans**) que uniu os eslavos do sul (figura 2).

Ao final da guerra, em 1945, foi instaurada a **República Popular da Iugoslávia**, sob a liderança do chefe do Partido Comunista e da resistência, **Josif Broz Tito** (1892-1980), conhecido como Tito. Em 1963, passou a se chamar **República Socialista Federativa da Iugoslávia**.

KESTONE/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES



Figura 2. Guerrilheiros antinazistas na Iugoslávia, 1944. Em toda a Europa ocupada pelos exércitos nazifascistas, a população civil constituiu grupos de combatentes clandestinos para resistir à ocupação por meio da guerrilha, tendo papel fundamental na guerra.

Com a morte de Tito e as transformações ocorridas no Leste europeu após o fim da União Soviética, as várias nações integradas à República Iugoslava passaram a reivindicar independência. O governo central da República, composto majoritariamente por sérvios, se opôs aos **movimentos separatistas** e usou o poderio militar da federação iugoslava para tentar impedir a independência dessas repúblicas.

Apesar disso, em junho de 1991, a Eslovênia e a Croácia declararam a independência, que foi reconhecida pelo governo central após breve período de violentos conflitos. A Macedônia seguiu o mesmo caminho alguns meses depois. Nesse caso, não houve guerra. Em abril de 1992, a Bósnia-Herzegovina, de maioria muçulmana, também declarou independência, dando origem ao mais violento conflito da região balcânica: a **Guerra da Bósnia**. Finalmente, em 1995 conquistou sua independência.

Em fevereiro de 2003, num claro sinal de que a solução para os problemas étnicos era bastante complexa, o Parlamento da Iugoslávia, com o acompanhamento da União Europeia, aprovou a constituição do novo Estado da Sérvia e Montenegro. Esse novo Estado foi desmembrado novamente em 2006, com a constituição de duas repúblicas. Montenegro foi reconhecido internacionalmente, inclusive pela Sérvia, e tornou-se o 192º membro da ONU⁶ (figura 3).



Fonte: LACOSTE, Yves. *Géopolitique: la longue histoire d'aujourd'hui*. França: Larousse, 2009. p. 253; *Unsere Welt-Mensch und Raum*. Berlim: Cornelsen, 2011. p. 83.

Observe que, neste mapa, Kosovo aparece como país. Até o início de 2016, porém, não tinha o reconhecimento da maioria dos países do mundo, entre eles a Rússia, a Sérvia e o Brasil. Kosovo aparece nos mapas franceses, mas não nos brasileiros. Conquistou autonomia, mas de fato ficou sob a tutela da ONU.

FILME

Terra de ninguém

De Danis Tanovic. Eslovênia/Bélgica/França/Itália/Reino Unido, 2001. 98 min.

O filme mostra a circunstância inusitada em que, na Guerra da Bósnia, dois soldados inimigos, um bósnio e outro sérvio, encontram-se na mesma trincheira. Além de tratar da rivalidade étnica e da violência da guerra, ironiza o papel da ONU no conflito.

⁶ Desde o início de 2016, 193 países integram a ONU. Em 2011, o Sudão do Sul tornou-se o 193º membro da organização.

• Guerra da Bósnia

A Bósnia-Herzegovina era a república iugoslava mais heterogênea. Atualmente, é composta de cerca 48% de bôsnios, 32% de sérvios e 14,6% de croatas. Após ter sua independência reconhecida por diversos países europeus, pelos Estados Unidos e pela ONU, bôsnios, croatas e sérvios passaram a disputar fatias do território da Bósnia. Essas disputas deram origem a uma guerra civil entre os anos de 1992 e 1995, cujo saldo foi de 200 mil mortos e 2 milhões de refugiados (figura 4).

O conflito na Bósnia foi marcado pela **limpeza étnica** dos não sérvios, prática incentivada pelo governo da ex-Iugoslávia, comandado, naquela época, pelo presidente Slobodan Milosevic (1941-2006). Após sua deposição, Milosevic foi preso pelas autoridades da antiga Iugoslávia e entregue para ser julgado pelo Tribunal Penal Internacional (TPI) por genocídio e crimes de guerra na Croácia (1991-1995), na Bósnia-Herzegovina (1992-1995) e em Kosovo (1998-1999). Por conta de problemas de saúde, em 2006, morreu na prisão antes da definição da sentença. O ex-líder sérvio-bôsnio Radovan Karadzic (1945-) também foi julgado pelo mesmo tribunal e sentenciado em 2016 a 40 anos de prisão por genocídio, crimes contra a humanidade e crimes de guerra.

Em 1995, o **Tratado de Dayton** – patrocinado pelos Estados Unidos e pelas Nações Unidas – selou o fim da Guerra da Bósnia. Por esse acordo, a Bósnia-Herzegovina continua existindo como Estado, mas dividida em **Federação da Bósnia-Herzegovina**, ocupada predominantemente por bôsnios e croatas, e **República Sérvia da Bósnia (República Srpska)**, com maior presença dos sérvios. Há ainda o distrito neutro de **Brcko**, sob supervisão internacional. Observe o mapa (figura 5).

O governo central é formado por uma presidência colegiada, e o Parlamento, por representantes de bôsnios, sérvios e croatas.

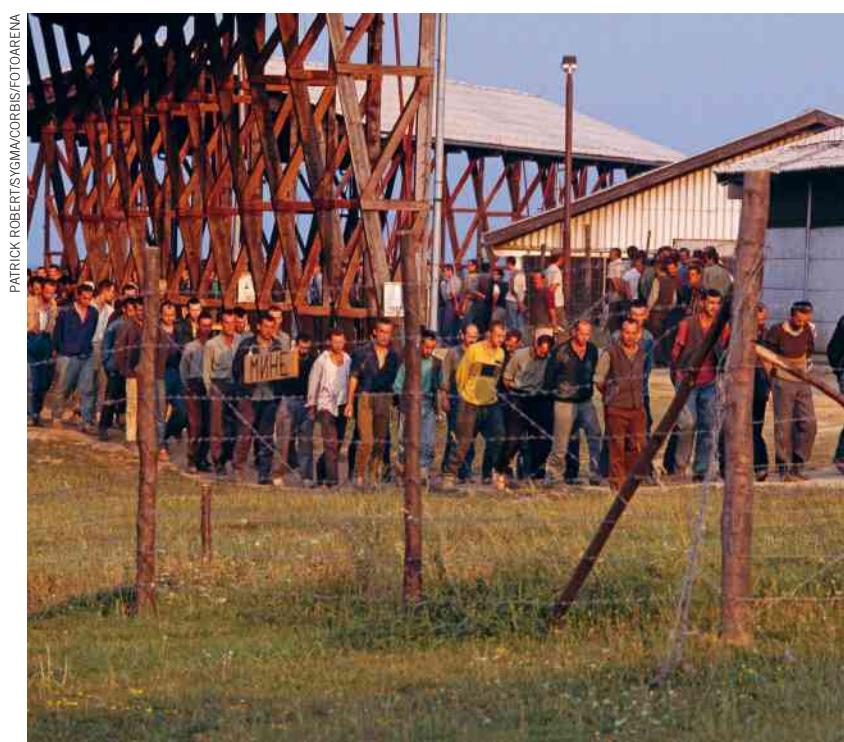


Figura 4. Campo criado por militares sérvios com prisioneiros muçulmanos, na Bósnia-Herzegovina, 1992. Este acampamento foi qualificado como “campo de concentração” pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

Figura 5. Bósnia: partilha pelo Tratado de Dayton (1995) e fronteiras atuais (2015)



Fonte: Escritório da Alta Representação para a Bósnia-Herzegovina. Disponível em: <www.ohr.int>. Acesso em: fev. 2016.

Limpeza étnica

Situação em que um Estado ou governante promove a expulsão e/ou o extermínio de um grupo étnico, geralmente minoritário. Os métodos utilizados também envolvem perversidades e atrocidades, como a morte indiscriminada de civis, estupro, incêndio de residências etc. O objetivo é amedrontar a população e promover a fuga em massa, buscando um equilíbrio étnico favorável ao grupo que detém o poder.

• Guerra de Kosovo

A partir de 1998, os conflitos passaram a se desenrolar na região de Kosovo, habitada por cerca de 90% de população de origem albanesa. Insatisfeitos com a perda, desde 1989, de parte da autonomia em relação ao poder central iugoslavo – como o direito ao ensino em língua albanesa e a uma polícia própria –, os albaneses passaram a pleitear sua independência.

Para fazer frente ao crescente movimento separatista armado, liderado pelo **Exército de Libertação de Kosovo (ELK)**, o então presidente da Iugoslávia, Slobodan Milosevic (1941-2006), alegando combater os separatistas e defender a integridade do país, promoveu um massacre da população civil de Kosovo.

Em 1999, a **Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan)** tentou negociar com a Iugoslávia (constituída basicamente pela Sérvia e por Montenegro) o fim do conflito e a volta da autonomia de Kosovo. Diante da recusa, as tropas da Otan lançaram intenso ataque ao país, sem autorização da ONU, constituindo, portanto, um desrespeito às normas internacionais (figura 6). Com a ofensiva, liderada pelos Estados Unidos, e a destruição provocada, a Sérvia retirou, ainda em 1999, as suas tropas de Kosovo.



PASCAL PARROT/SYGMA/CORBIS/FOTOPRENSA

Figura 6. Depois que começaram os ataques aéreos da Otan contra posições sérvias, civis passaram a deixar a região, em busca de proteção em outros países. Na imagem, refugiados kosovares em acampamento da Cruz Vermelha, em Blace (Macedônia), 1999.

A região reconquistou a autonomia⁷, mas não a independência. Uma força de paz da ONU foi enviada para controlar a animosidade ainda existente entre kosovares e sérvios. Em 2008, o parlamento de Kosovo declarou independência e obteve o reconhecimento da União Europeia. O reconhecimento de Kosovo como Estado soberano contava apenas com 110 dos países⁸, no entanto a formalização da independência de Kosovo pela ONU é barrada pelos vetos tanto da Rússia como da China no Conselho de Segurança.

CONFLITOS NO CÁUCASO

A **região montanhosa do Cáucaso**, situada entre o Mar Negro e o Mar Cáspio (entre Europa e Ásia), é, historicamente, um polo de conflitos. Ali convivem cerca de 50 etnias, com histórias e culturas próprias.

A parte russa do Cáucaso é formada por várias repúblicas que em muitos casos não possuem identidade entre si nem com o restante da Federação Russa. Apesar disso, a Rússia luta para mantê-las unidas à Federação, pois essa região, próxima ao Oriente

⁷ Kosovo conquistou autonomia, o que formalmente o colocaria sob o controle da República da Sérvia e Montenegro, mas de fato ficou sob a tutela da ONU. Até 2015, 110 países reconheciam a sua independência.

⁸ O Brasil está entre os países que não reconhecem Kosovo como Estado Soberano.

Médio, possui grandes reservas e plataformas de exploração de petróleo e ocupa posição estratégica no contexto geopolítico. A importância da região caucasiana também está relacionada ao controle dos vales férteis, de **oleodutos** e **gasodutos** (figura 7).



SONIA VAS

Fontes: BOLÍVAR, Iago. Horror em Beslan marca nova centralização do poder na Rússia. *Folha de S.Paulo*, 3 mar. 2009. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/>; *Atlas des crises et des conflits*. Paris: Armand Colin, 2013, p. 33 e 41.

• Guerras da Chechênia e do Daguestão

A **Chechênia** foi incorporada ao Império Russo no início do século XIX. Durante o regime soviético, a Chechênia e a **Inguchétia** foram unidas e tornaram-se uma província autônoma majoritariamente muçulmana. Com o fim da União Soviética, em 1991, os chechenos separaram-se da Inguchétia, declarando sua independência da Federação Russa. Os inguchês também formaram sua própria república, mas aderiram à Rússia.

Em 1994, a Rússia tentou retomar o controle sobre o Cáucaso e reagiu com violência aos movimentos separatistas, dando origem à **primeira guerra da Chechênia** (1994-1996). A persistência das ações dos rebeldes forçou a assinatura de um tratado de paz entre chechenos e russos, adiando a definição do futuro político da Chechênia (figura 8).



PATRICK CHAUVEL/YGMA/CORBIS/FOTORENA

Figura 8. Combatentes chechenos durante cerco do exército russo na capital Grózny, durante a primeira guerra da Chechênia, em 1995.

Em 1999, os rebeldes chechenos retomaram os combates e ataques terroristas a Moscou e a outras cidades russas. Associados a guerrilheiros fundamentalistas islâmicos, daguestanis invadiram a república vizinha do **Daguestão**, com o objetivo declarado de criar um Estado Islâmico independente na região do Cáucaso. O Daguestão é a república russa estratégica, com a maior área de acesso ao Mar Cáspio e, atualmente, com maior número de ações terroristas no país.

Essas ações armadas deflagraram a **Guerra do Daguestão ou segunda guerra da Chechênia**, cuja ofensiva militar reduziu a capital Grózny a escombros e dizimou parte expressiva da população civil. Os russos assumiram o controle da situação no início do ano 2000, mas os combates continuam por meio de ações terroristas (figura 9). A instabilidade ainda é latente na região.

• Ossétia do Sul e Abecásia

Outro movimento separatista, mas na parte asiática do Cáucaso, ocorrido no compasso da instabilidade econômica e política que levou ao colapso da União Soviética, deu-se na Geórgia, envolvendo a Ossétia do Sul e a Abecásia.

Apesar de situada no território da **Geórgia**, a **Ossétia do Sul** mantinha relações de identidade com a Ossétia do Norte (em território russo), com a qual compartilha raízes étnicas e culturais comuns; já os georgianos da Ossétia do Sul representavam menos de um terço da população. A guerra separatista foi desencadeada no início de 1990 e se estendeu por mais de um ano.

Na **Abecásia**, tentativas separatistas provocaram uma guerra civil em 1992. O governo georgiano tentou negociar maior autonomia com as lideranças separatistas e abriu diversas possibilidades de diálogo, desde que não questionassem a integridade territorial do país.

A tensão entre as repúblicas separatistas e a Geórgia aumentaram com a eleição de Mikhail Saakashvili (1967-), em 2004. A política externa do presidente Saakashvili esteve direcionada a integrar a Geórgia à União Europeia e à Otan. Essa política pró-Ocidente aproximou ainda mais o governo russo dos separatistas, tanto da Ossétia do Sul como da Abecásia. Após conflitos e com o apoio do exército russo, a Ossétia do Sul e a Abecásia conquistaram a independência (figura 10).

A Rússia sinalizou claramente diante desse confronto separatista que estará disposta a deslocar suas tropas e a fazer uso da força militar sempre que seus interesses forem ameaçados na região.

Apesar das disputas econômicas com as outras potências pelos recursos econômicos e naturais das regiões do Cáucaso e do Mar Cáspio, os interesses e a presença ostensiva da Rússia deverão prevalecer por longo tempo.



Figura 9. Tropas russas em combate no Daguestão perto da fronteira chechena, 2000.



Figura 10. Crianças brincam em frente a tanques russos em Tskhinvali (Ossétia do Sul), em 2008. Nesse ano, o conflito chegou ao ápice quando o governo georgiano lançou um cerco à Ossétia do Sul, para reprimir com violência o movimento separatista. O exército russo deslocou tanques e aviões, bombardeou e expulsou as tropas georgianas da Ossétia do Sul, atacou portos e bases aéreas e avançou em direção a Tbilisi, capital da Geórgia.

OUTROS CONFLITOS ÉTNICO-NACIONALISTAS NA EUROPA

Outros conflitos são recorrentes no continente europeu. Dentre eles, destacam-se as questões basca e irlandesa. Esses conflitos, que vêm ocorrendo há décadas, foram responsáveis pela morte de milhares de pessoas.

• Questão basca

Os bascos habitam a região norte da Espanha e sul da França há mais de 5 mil anos. São cerca de 2,8 milhões de pessoas (2,5 milhões na Espanha) que possuem identidade, idioma e cultura próprios, constituindo-se numa verdadeira nação no interior desses países.

Na França, a convivência é relativamente pacífica. Porém, na Espanha, durante a ditadura de **Francisco Franco** (1892-1975) os bascos foram impedidos de se expressar em seu próprio idioma, comemorar suas festas nacionais e manifestar sua cultura. A repressão de Franco forjou um forte movimento nacionalista e a formação de grupos de resistência política e armada. Terminado o período da ditadura franquista (1939-1975), os bascos reconquistaram relativa autonomia, consolidada pela criação da **Região Autônoma do País Basco**, com sistema de impostos e Parlamento próprios (figura 11).

No entanto, a organização terrorista **Euskadi Ta Azkatasuna (ETA)**, que significa “Pátria Basca e Liberdade”, criada durante a ditadura de Franco, realizou atentados terroristas desde o final dos anos 1960 até 2010, com o objetivo de pressionar o governo espanhol a reconhecer a independência total do País Basco (figura 12).

Hoje, a maioria basca, apesar de almejar a independência e a constituição de um Estado soberano, não apoia o terrorismo, não só pela aversão a esse método de luta, mas também pela autonomia conquistada e pelo elevado desenvolvimento econômico que garante boa qualidade de vida à população dessa região do país.

Em setembro de 2010, o ETA renunciou à luta armada e no ano seguinte um partido separatista basco, o **Sortu** (“nascer” no idioma basco), foi legalizado e pretende lutar pelo separatismo pela via parlamentar.

Figura 11. Províncias bascas



Fonte elaborado com base em: CALDINI, Vera; ISOLA, Leda. *Atlas geográfico Saraiva*. São Paulo: Saraiva, 2013. p. 127.



LUIS GALBRA/GETTY IMAGES

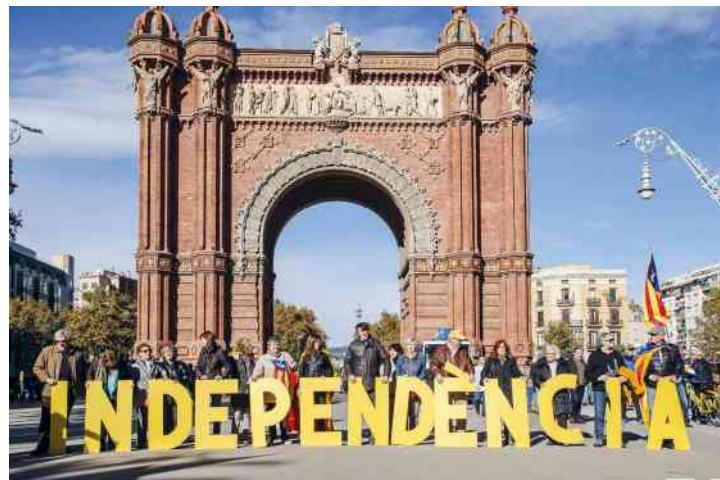
Figura 12. Carro é explodido em atentado em Bilbao (Espanha), 2007. A cidade é a mais populosa da comunidade autônoma do País Basco.



Separatismo na Espanha

Em 1975, com o fim da ditadura de Francisco Franco, a constituição dividiu a Espanha em 17 comunidades autônomas, além das cidades de Ceuta e Melilla, situadas no norte da África junto ao Mediterrâneo e encravadas no território do Marrocos.

Apesar da garantia constitucional de autonomia (parlamento próprio, controle sobre a polícia, educação e saúde), foi vetada qualquer iniciativa unilateral de independência. Isso não impede a existência de movimentos separatistas, em algumas delas como a Galiza e Astúrias, no norte do país, e sobretudo a Catalunha, responsável por cerca de um quinto da economia espanhola. Em 2015, o Tribunal Constitucional da Espanha revogou uma moção do parlamento da Catalunha que propunha a abertura de um processo de independência.



PACO FREIRE/DEMOTIX/CORBIS/FOTOARENA

Manifestação pela independência da Catalunha. Barcelona, 2014.



• Questão irlandesa

A ilha da Irlanda foi dominada pela Inglaterra no século XII e, desde então, começou a receber grande quantidade de imigrantes ingleses e escoceses. Em 1800, por decreto da coroa inglesa, a Irlanda passou a pertencer ao **Reino Unido**, provocando a revolta dos nacionalistas, que reagiram organizando a luta pela independência.

Foi no início do século XX, entretanto, que o conflito entre a Irlanda e o Reino Unido ganhou proporção, com a criação do **Sinn Féin** (“**Nós Próprios**”), partido político representante dos separatistas irlandeses, e do **Exército Republicano Irlandês (IRA)**, na sigla em inglês), que organizou a luta armada contra o domínio britânico (figura 13).

Reino Unido

Formado pela Grã-Bretanha (Inglaterra, Escócia e País de Gales) e Irlanda do Norte.



WATFORD/MIRRORPIX/CORBIS/FOTOARENA

Figura 13. “Junte-se ao IRA” é a frase pintada na parede da casa de Londonderry, cidade da Irlanda do Norte, em 1976.

Os conflitos obrigaram o Reino Unido a assinar, em 1921, o **Tratado Anglo-Irlandês**. Por ele, os **condados** do Sul, com população majoritariamente católica e de origem irlandesa, formaram o Estado Livre da Irlanda; os condados do Norte (Ulster), de maioria protestante e origem inglesa, permaneceram ligados ao Reino Unido. Esse processo de independência encerrou-se somente em 1937, quando foi constituído o novo país, denominado **República do Eire (Irlanda)**, reconhecido pelo Reino Unido apenas em 1949. A Irlanda do Norte permaneceu ligada ao Reino Unido.

Na segunda metade do século XX, a ação violenta do IRA intensificou-se na Irlanda do Norte, com a realização de vários atentados contra autoridades e instituições britânicas. A situação agravou-se em 1969, quando o exército inglês passou a intervir no conflito, atacando também de forma violenta os irlandeses católicos (que apoiavam a independência).

Em 1998, um acordo de paz determinou a deposição das armas pelo IRA (concluída em 2005) e pelos grupos paramilitares protestantes e a libertação de presos políticos.

Em 2007, formou-se um governo de coalizão, reunindo o **Partido Unionista Democrático** e o **Sinn Féin**, garantindo à Irlanda do Norte o retorno à autonomia regional. Nesse mesmo ano, o exército britânico encerrou uma intervenção militar de quase quatro décadas na Irlanda do Norte e instalou um governo compartilhado entre católicos e protestantes.

A Irlanda do Norte permanece ligada ao Reino Unido, mas o acordo admite a separação futura, caso seja a vontade da maioria da população. Isso reflete uma mudança estratégica na luta pela libertação do domínio britânico, que passou a se realizar pela via política.

Em outubro de 2009, o **Exército Irlandês de Libertação Nacional (Inla)**, uma facção radical e dissidente do IRA, que não havia aceitado anteriormente o acordo de paz, declarou a renúncia à luta armada e à violência, acrescentando mais um componente no fortalecimento do processo de solução pacífica na disputa entre católicos e protestantes. Entretanto, a via pacífica não abandonou o objetivo de unir os condados que formam a Irlanda (figura 14).



Figura 14. A rainha da Inglaterra, Elizabeth II, cumprimenta o vice-primeiro-ministro da Irlanda do Norte na época, Martin McGuinness, ex-dirigente do IRA. Esse encontro, impossível há poucos anos, ocorreu em Belfast, capital norte-irlandesa, em julho de 2012, e expressa a consolidação do processo de paz.

FILME

Michael Collins: o preço da liberdade
De Neil Jordan. EUA, 1996. 133 min.

A partir da vida do líder irlandês Michael Collins, o filme discute a questão irlandesa, a criação do IRA, a fundação da República da Irlanda e os conflitos com o Reino Unido.

Condado

Divisão política adotada pela Irlanda; o termo e os limites aproximados dos condados são remanescentes da Idade Média, quando determinada superfície do território era controlada por um conde.

- Explique as principais razões dos conflitos étnico-nacionalistas.
- Observe a ilustração e identifique o conflito histórico que ela representa.



- Observe o título da reportagem publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em 13 de dezembro de 1956.

Nacionalistas irlandeses lançam onda de atentados

Subito recrudescimento das atividades do IRA — Mobilizada toda a polícia da Irlanda do Norte

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 13 dez. 1956. p. 12. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: abr. 2016.

Qual o nome da organização cuja sigla está estampada no artigo e qual era o seu objetivo?

- Leia um trecho do texto publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 8 de agosto de 2008.

“Muitos georgianos suspeitam que os pacifistas russos enviados à Abecásia e à outra região separatista da Geórgia, a Ossétia do Sul, são ferramentas para preservar a influência russa na região.”

O Estado de S. Paulo. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br>> Acesso em: fev. 2016.

Que desdobramento teve o conflito entre os dois países, nas duas regiões citadas no artigo da época?

ENEM E VESTIBULARES

- (UFF-RJ 2011)

Estados dos Balcãs em 1949 e em 2008



Fonte: DURAND, M. F. et alii. *Atlas da mundialização*. São Paulo: Saraiva, p. 75.

Dois fatores fundamentais responsáveis pelas mudanças territoriais, registradas nos mapas, encontram-se em:

- emergência de nacionalismos e fortalecimento de diferenças culturais.
- controle externo de arsenais nucleares e diversidade étnico-lingüística.
- perseguições religiosas e interesses do capital especulativo.
- radicalismos político-ideológicos e desagregação da União Europeia.
- controle da produção de gás e reação à presença militar estrangeira.

3 CONFLITOS ÉTNICOS NA ÁFRICA

A origem dos conflitos étnicos na África relaciona-se à **partilha colonial** do continente no final do século XIX e as **fronteiras artificiais** criadas neste período. Grande parte dessas fronteiras foi mantida após os processos de independência dos países africanos.

As fronteiras são chamadas artificiais porque foram delimitadas arbitrariamente de acordo com os interesses dos colonizadores, não respeitando as diferenças étnicas, religiosas e culturais. Dessa forma, grupos, muitas vezes rivais, foram reunidos em um mesmo território colonial. Isso contribuiu para a ocorrência de inúmeros conflitos, resultantes da disputa de poder entre grupos étnicos distintos no interior dos novos Estados africanos, após a **descolonização**.

Outras razões para a propagação dos conflitos é o baixíssimo nível socioeconômico da maioria dos países africanos, a inexistência de governos democráticos, as disputas por territórios e pelo controle de **recursos naturais** – petróleo, diamantes e outras riquezas. Soma-se ainda a disputa entre as potências ocidentais e a ex-União Soviética durante a **Guerra Fria**, responsável pelo apoio financeiro e fornecimento de armas a grupos étnicos rivais dentro de um mesmo país e a sustentação de governos ditatoriais e repressores.

Serão abordados dois casos emblemáticos, entre dezenas de outros, que marcaram o continente africano nas últimas décadas.

RUANDA

Ruanda foi **colônia belga** desde o final da Primeira Guerra Mundial até o início da década de 1960, quando se tornou independente. Durante esse período, os belgas fomentaram a rivalidade entre os dois grupos étnicos que ocupavam essa região africana – **tutsis** e **hutus** – como estratégia para manter o domínio sobre Ruanda. Os tutsis tinham privilégios na administração belga, tornaram-se funcionários públicos, membros do exército colonial e conquistaram inclusive cargos importantes.

Em 1962, após a conquista da independência, sob a liderança dos hutus, os tutsis passaram a ser perseguidos. Exilados nos países vizinhos, formaram a **Frente Patriótica Ruandesa (FPR)**, retornando a Ruanda em 1990 e dando início a uma guerra civil que arrasou o país e produziu mais de 800 mil mortes e cerca de 2 milhões de refugiados.

Em abril de 1994, a morte do presidente Juvenal Habyarimana (1937-1994), de etnia hutu, em um acidente aéreo desencadeou a fase mais violenta e dramática da guerra civil ruandesa. As principais vítimas foram os tutsis, incluindo mulheres e crianças, mortas a facões, foices e pauladas.

Em 1995, nova investida da FPR (tutsi) tomou a capital Kigali e apoiou a presidência de Pasteur Bizimungu (1950-), da etnia hutu, que se opunha ao massacre no país e realizou uma política de reconciliação entre as duas etnias. Mas os conflitos entre tutsis e hutus ultrapassaram as fronteiras de Ruanda, chegando aos campos de refugiados na República Democrática do Congo (antigo Zaire), no Burundi e na Tanzânia (figura 15).

Em 2000, Paul Kagame⁹ (1957-) tornou-se o primeiro tutsi a assumir a presidência do país. No entanto, os problemas entre os dois grupos étnicos, amenizados neste início de século, estão longe da solução definitiva, dada a violência da guerra.

Figura 15. Refugiados hutus, em 1997. Ainda hoje, hutus e tutsis estão espalhados entre Burundi, Tanzânia, Uganda e República Democrática do Congo.

LEITURA

África: terra, sociedades e conflitos

Nelson Basic Olic e Betariz Canepa. Moderna, 2012. (Coleção Polêmica)

Analisa a multiplicidade cultural africana e os principais conflitos étnicos, religiosos e econômicos.

FILME

Hotel Ruanda

De Terry George. Itália/Afárica do Sul/EUA, 2004. 121 min.

Aborda o acirramento do conflito entre tutsis e hutus em 1994, com base na história real de Paul Rusesabagina, gerente do Hotel Milles Collines, que, no auge do massacre, abrigou e evitou a morte de mais de 1.200 tutsis.



⁹ Em 2010, Paul Kagame foi reeleito para cumprir mandato de mais sete anos.

SUDÃO E SUDÃO DO SUL

Como no resto da África, as fronteiras estabelecidas no Sudão reuniram realidades étnicas e religiosas distintas: o centro-norte abriga população majoritariamente muçulmana e que se expressa em língua árabe; o noroeste – **região de Darfur** – reúne, além de muçulmanos, grupos de origem centro-africana; o sul tem maioria cristã, mas há também grupos **animistas** de diversas etnias.

O controle do Estado sudanês pela população muçulmana e o descaso aos demais grupos gerou conflitos permanentes entre o governo, sediado no centro-norte, e as regiões de Darfur e do sul. Na região de Darfur, o conflito é travado entre grupos étnicos diferentes e grupos muçulmanos que têm como braço armado a milícia da **Janjaweed**.

Em 2011, o Sudão foi dividido em **Sudão** e **Sudão do Sul**, com o objetivo de colocar fim a quase três décadas de guerra. No entanto, os dois países são dependentes da sua produção de petróleo e o acordo de independência estabelece que as vendas de petróleo sejam divididas igualmente entre ambos os países.

As maiores reservas estão no Sudão do Sul, mas os únicos oleodutos existentes correm em direção ao norte (Sudão), passam por refinarias e atingem o Porto do Sudão, no Mar Vermelho, o único caminho existente para a exportação do petróleo do Sudão do Sul. Tal fato coloca o mais novo país do mundo numa situação de total dependência do Sudão para realizar a exportação do produto que representa mais de 90% da sua economia. Observe o mapa (figura 16).

Dois anos após a conquista da independência, o Sudão do Sul mergulhou em uma guerra civil que se estende aos dias atuais que deixou dezenas de milhares de mortos e milhões de refugiados. Leia a seção *Leitura e discussão*, na página seguinte.

• Conflito de Darfur

Em Darfur 1/3 da população é composta por muçulmanos de língua árabe e se dedica principalmente ao pastoreio nômade. Os não muçulmanos, como os grupos Massalit, os Zaghawa e os Fur, são sobretudo agricultores. O fato de esses povos terem a terra como base de suas economias provocou vários conflitos pelo direito ao uso do solo.

No entanto, os problemas são mais amplos. Há décadas, o governo sudanês não aplica investimentos sociais e econômicos essenciais nessa **região semiárida**. As poucas intervenções positivas do Estado em Darfur privilegiaram os muçulmanos em detrimento dos outros grupos, contribuindo para agravar a **hostilidade étnica** já existente. A população não muçulmana de Darfur tem um forte sentimento de oposição ao governo, o que estimula a luta pela autonomia e pelo fim da discriminação.

Em 2002, rebeldes do grupo Fur, em aliança com os Zaghawa, formaram o **Exército Popular de Libertação do Sudão (SPLA)**. Armados e supostamente apoiados pelo vizinho Chade, eles atacaram instalações do governo em 2003. A retaliação foi imediata e brutal. O governo, apoiado pela milícia Janjaweed, promoveu uma guerra genocida cujo saldo até 2015 custou a vida de cerca de 400 mil mortes e a existência de aproximadamente 2 milhões de refugiados (figura 17, na página seguinte).

Animismo

Religiões que atribuem alma (espírito) aos fenômenos naturais.

Janjaweed

Milícia formada por antigos grupos tribais árabes de Darfur, tolerada e apoiada pelo governo sudanês.

Figura 16. Sudão e Sudão do Sul: áreas de conflito e infraestrutura do petróleo – 2012



Fonte: Drilling Info International. Disponível em: <<http://southsudaninfo.net/maps/>>. Acesso em: fev. 2016.

Abyei, uma área rica em recursos petrolíferos, é contestada pelo Sudão e o Sudão do Sul. Em 2015, estava sob o mandato das forças de paz da ONU, com a finalidade de desmilitarizar o território disputado, manter a paz e a proteção da população civil.

Desde 2004, governo, rebeldes e organizações internacionais, como a **União Africana (UA)**, tentam estabelecer um cessar-fogo. Em 2011, entrou em vigor um novo acordo de paz, mas apenas com uma das milícias rebeldes existentes em Darfur, não caracterizando de fato pacificação para a região.

O presidente **Omar al Bashir** (1944-), no poder desde 1989, após golpe militar, é considerado o grande responsável pelos massacres e por omissão à situação dramática de Darfur. Em 2009, teve a prisão decretada pelo **Tribunal Penal Internacional (TPI)** por crimes de guerra em Darfur. Bashir tornou-se o primeiro presidente, no cargo, a ser indiciado por um tribunal internacional.

União Africana (UA)

Foi criada em 2002 com o objetivo de promover o processo de integração no continente, salvaguardar a soberania dos Estados africanos e impulsionar a cooperação internacional no âmbito das Nações Unidas.



ALBERT GONZALEZ FARRAN-UNAMID/ANADOLU/GETTY IMAGES

Figura 17. Mulheres e crianças sudanesas no campo de refugiados de Kalma, no sul de Darfur, em 2014.



LEITURA E DISCUSSÃO

A violência no Sudão do Sul

“[...] ‘O Sudão do Sul está enfrentando uma das situações mais assustadoras do mundo para os direitos humanos, com o amplo uso de violações como instrumento de terror e arma de guerra’, disse o alto comissário da ONU para os Direitos Humanos, Zeid Ra’ad al Hussein, ao apresentar um relatório da organização sobre a situação no país.

Em seu relatório, a ONU diz que, de acordo com fontes confiáveis, as autoridades permitem que grupos aliados estuprem mulheres como ‘salário’, seguindo o princípio de ‘façam o que puder e tomem o que quiser’.

‘A escala e o tipo de violências sexuais – em geral cometidas por forças governamentais do Exército Popular de Libertação do Sudão e de suas milícias afiliadas – são descritos com detalhes terríveis, como a atitude, quase casual, mas calculada, daqueles que massacraram civis e destruíram propriedades e meios de subsistência’, disse Al Hussein.

O Sudão do Sul, que se tornou independente do Sudão em julho de 2011, após décadas de conflito com Cartum [capital do Sudão], está imerso em uma guerra civil desde dezembro de 2013, quando o presidente Salva Kiir acusou seu ex-vice-presidente, Riek Machar, de querer derrubá-lo.

Mais de 2,3 milhões de pessoas fugiram de suas casas, e dezenas de milhares morreram por causa do conflito e das atrocidades cometidas por ambos os lados.

O relatório da ONU contém histórias de pessoas, incluindo crianças e pessoas com deficiência, que foram assassinadas, queimadas vivas, sufocadas, enforcadas e cortadas em pedaços.

[...]

De acordo com a ONU, a grande maioria das mortes de civis não parece ser resultado do conflito, mas de ataques deliberados contra civis.”

Sudão do Sul permite estupros como pagamento a soldados, afirma ONU. *Folha de S.Paulo*, 11 mar. 2016.
Disponível em: <www.folha.uol.com.br>. Acesso em: abr. 2016.

1. Diferencie o conflito anterior e o atual responsáveis pelas tragédias vividas pelos habitantes do atual Sudão do Sul.
2. Aponte as semelhanças entre os dois conflitos.

4 CONFLITOS ÉTNICO-NACIONALISTAS NA ÁSIA

O continente asiático abriga cerca de 60% da população mundial e milhares de etnias. Nas duas últimas décadas do século XX, alguns conflitos étnico-nacionalistas destacaram-se pelo grande número de pessoas envolvidas e pela violência empregada.

ÍNDIA: CAXEMIRA E PUNJAB

A tensão entre **hindus** (82% da população da Índia) e **muçulmanos** (12%) iniciou-se com a chegada dos árabes à região, no século VII, responsáveis pela difusão do islamismo no país. Essa religião conquistou muitos adeptos nas camadas mais pobres da sociedade na Índia, que viam nela um caminho para se desvincilar do **sistema de castas** da religião hindu (hinduísmo), que estrutura a sociedade indiana. Leia o *Entre aspas*.

A região da **Caxemira**, situada entre o norte da Índia, o nordeste do Paquistão e o sudoeste da China, ocupa um extenso vale fértil, habitado principalmente pela população muçulmana. Além da localização estratégica, junto à fronteira da China, o controle de parte da Caxemira significa dispor das águas do curso médio do Rio Indo.

A maior parte da região está sob domínio da Índia, mas os paquistaneses e a guerilha muçulmana separatista querem anexá-la integralmente ao Paquistão (figura 18). Desde 1947, quando esses dois países conquistaram a independência da Inglaterra, já ocorreram algumas guerras envolvendo a disputa pela Caxemira. Essa disputa territorial é alvo de preocupação mundial, pois tanto o Paquistão quanto a Índia possuem armas nucleares.



FAISAL KHAN/PACIFIC PRESS/LIGHTROCKET VIA GETTY IMAGES

Figura 18. Manifestantes muçulmanos na Caxemira atiram pedras em direção à polícia indiana no centro de Srinagar (capital da Caxemira) em protesto durante confrontos com o governo indiano, em 2015.



ENTRE ASPAS

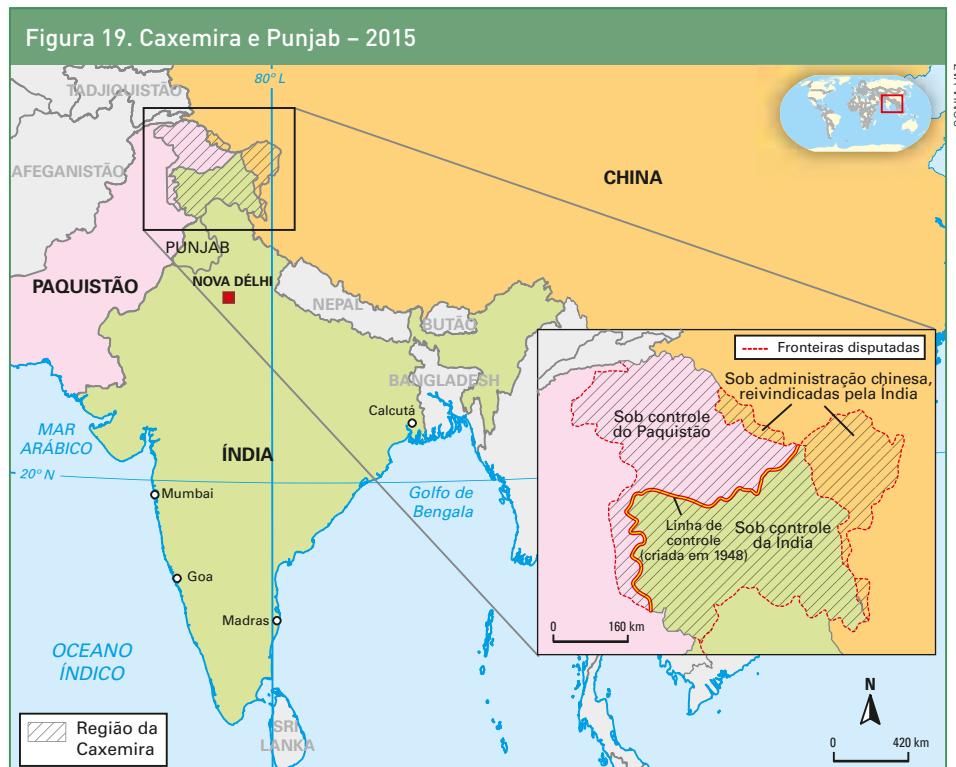
Sistema de castas

Apesar de extinto por lei, ainda hoje o sistema de castas tem forte influência nas relações sociais da Índia. De acordo com ele, cada indivíduo pertence a uma casta desde o nascimento, não sendo permitidos casamentos entre pessoas de castas diferentes nem a mobilidade de uma casta para outra.

A sociedade hindu divide-se basicamente em quatro castas ou ordens principais: brâmanes (monges), xátrias (guerreiros), vaixás (comerciantes e artesãos) e, na base da pirâmide, sudras (camponezes e serventes). Os indivíduos considerados impuros pelas outras castas são denominados párias ou intocáveis e exercem profissões como coveiro, trabalhador de curtume e faxineiro.



O limite entre a Caxemira india e a paquistanesa não é uma fronteira reconhecida internacionalmente, é apenas uma linha de cessar-fogo da primeira guerra entre os dois países após a independência, denominada “**linha de controle**”. Veja o mapa (figura 19).



Fonte: Embaixada da Índia. Disponível em: <www.indianembassy.hr>. Acesso em: fev. 2016.

Na região do **Punjab**, norte da Índia, conflitos étnico-religiosos violentos têm marcado a história do país nas últimas décadas. O conflito opõe os **sikhs**, minoria étnica, seguidora de uma seita própria, que difunde elementos do islamismo e hinduísmo, aos **hindus**. Os *sikhs* lutam pela independência e pela formação do **Estado do Kalistan**, idealizado pelos separatistas.

A perseguição aos *sikhs* intensificou-se em 1984, após a morte da primeira-ministra indiana **Indira Gandhi** (1917-1984), assassinada por dois membros de sua guarda pessoal e adeptos da seita *sikh*. Essa perseguição resultou no massacre de cerca de 3 mil *sikhs*. Um mês antes do assassinato, Indira Gandhi havia ordenado a invasão do Templo Dourado de Amritsar – local sagrado para os *sikhs* –, onde se reunia a cúpula do movimento separatista. Veja a figura 20.

Além da repressão aos *sikhs*, grupos nacionalistas ligados ao Partido Bharatiya Janata (BJP), que defendem a supremacia hindu, têm promovido massacres de muçulmanos e cristãos em outras regiões do país. Vários missionários cristãos foram alvos de atentados, principalmente em Goa (cidade colonizada pelos portugueses).



Figura 20. Parentes de vítimas do massacre contra os *sikhs* em 1984 protestam em Nova Déli (Índia), 2012.

ORIENTE MÉDIO

O domínio do Império Turco-Otomano sobre boa parte do Oriente Médio, que prevaleceu até a Primeira Guerra Mundial, foi praticamente substituído pela ocupação inglesa e francesa até a década de 1940. Ao final deste último período, consolidou-se o processo de independência de vários países e foi criado o Estado de **Israel**, em 1948.

A independência não significou o fim dos conflitos na região. Ao contrário, após a Segunda Guerra Mundial, o Oriente Médio transformou-se no principal foco de tensão mundial em função da criação do Estado de Israel; dos interesses econômicos e estratégicos das grandes potências pelo controle das jazidas de petróleo; das disputas internas pelo poder numa região marcada por regimes autoritários; dos conflitos religiosos; da proliferação de grupos fundamentalistas (veja o *Capítulo 3*) e das más condições de vida da maioria da população.

A herança da Guerra Fria é outro importante fator de instabilidade e de intensificação dos conflitos, período em que os Estados Unidos e a ex-União Soviética armaram exércitos e grupos de oposição, fortaleceram ditaduras e grupos terroristas. Atualmente, parcela significativa das vendas de armamentos dos Estados Unidos destina-se a países do Oriente Médio.

• Conflito árabe-israelense

A região da Palestina é o território histórico de dois povos: **judeus** e **palestinos**. Os judeus ocuparam a região há mais de 4 mil anos, mas se espalharam pelo mundo devido à repressão sofrida durante o Império Romano. Os palestinos são formados por uma mistura de povos, como filisteus (que ocupavam a faixa de Gaza), cananeus (que habitavam a Cisjordânia) e árabes, os quais impuseram sua cultura, tradição e a religião islâmica. Os palestinos habitaram a região por um período contínuo de cerca de 2 mil anos.

A partir do final do século XIX, com a criação da Organização Sionista Mundial (1897) na Suíça, o **movimento sionista** começou a organizar a migração de judeus à Palestina, visando à formação de uma pátria judaica. Na primeira metade do século XX, o aumento da população judaica na região, estimulado pela compra de terras e pelo estabelecimento de diversas colônias, foi contínuo.

A perseguição e o massacre impostos aos judeus pelos nazistas, na Segunda Guerra Mundial, fundamentou o apoio internacional à formação do **Estado de Israel**, em 1948. Aprovado pela ONU em 1947, o **plano de partilha** da Palestina destinou 57% do território aos israelenses (figura 21).

A formação de um Estado judaico provocou a reação contrária dos países árabes. Ainda em 1948, Egito, Jordânia, Líbano e Síria invadiram Israel, dando início à **Primeira Guerra Árabe-Israelense (1948-1949)**.

Em 1949, foi estabelecido um **armistício**, que retirou totalmente dos palestinos as decisões sobre os seus tradicionais territórios, inclusive dos que tinham sido delimitados pela ONU, em 1947. O acordo de paz estabeleceu que o Estado Árabe da Palestina fosse dividido entre Israel (que conquistara a Galileia e outras partes do território palestino); Transjordânia, que incorporaria a **Cisjordânia** (a oeste do Rio Jordão); e Egito, que ocuparia a **faixa de Gaza**. Após o armistício, os conflitos não cessaram (figura 22, na próxima página).

Movimento sionista

Movimento nacionalista que objetivava a fundação de um Estado judaico – Israel – num território considerado sagrado para esse povo: a “Terra Prometida”.

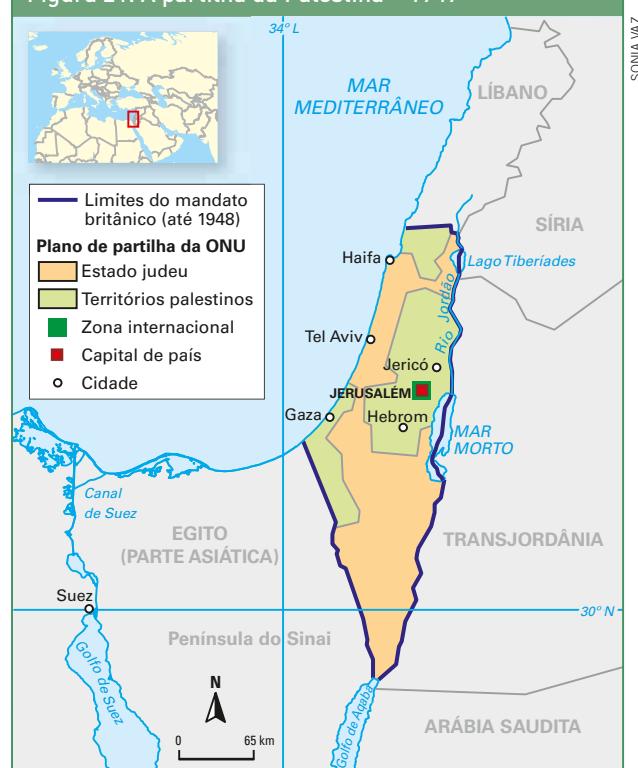
Armistício

Convenção pela qual os que estão em conflito suspendem as hostilidades sem pôr fim ao estado de guerra.

Transjordânia

O Reino Hashimita de Transjordânia foi criado em 1946, quando os britânicos, que ocupavam essa região desde o final da Primeira Guerra Mundial, retiraram definitivamente suas tropas. Após 1949, passou a chamar-se Jordânia.

Figura 21. A partilha da Palestina – 1947



Fonte: KINDER, H.; HILGEMANN, W. *Atlas histórico mundial*. Madri: Istmo, 2006. p. 278.

Em 1956, ocorreu a **Segunda Guerra Árabe-Israelense (Guerra de Suez)**, quando o Egito nacionalizou o canal de Suez e proibiu a passagem de navios israelenses. Israel, apoiado pela França e pelo Reino Unido, ocupou todo o Sinai.

A pressão dos Estados Unidos e da União Soviética fez com que os judeus abandonassem o Sinai e os egípcios recuassem em sua posição de impedir a navegação israelense.

Em 1967, a Síria tentou desviar o fluxo de água do Rio Jordão mediante a construção de uma grande represa, nas **Colinas de Golã**. Com o apoio da Jordânia e do Egito, o Golfo de Aqaba foi bloqueado, impedindo a navegação israelenses no Mar Vermelho. O crescimento das tensões colocou em alerta as tropas dos países envolvidos.

Entre 5 e 10 de junho daquele ano, os israelenses iniciaram um ataque ao Egito, à Jordânia e à Síria, numa das guerras mais curtas da história, denominada **Guerra dos Seis Dias ou Terceira Guerra Árabe-Israelense**.

Nesse terceiro conflito, os israelenses anexaram a Península do Sinai e a Faixa de Gaza, pertencentes aos egípcios; as Colinas de Golã, que pertenciam à Síria; e a Cisjordânia, que fazia parte da Jordânia (figura 23).

Em 1973, na tentativa de reaver os territórios ocupados, Egito e Síria atacaram Israel de surpresa, dando início à **Quarta Guerra Árabe-Israelense – Guerra do Yom Kippur¹⁰**. A princípio, conquistaram algumas posições, mas foram obrigados a recuar com a forte reação do exército israelense.

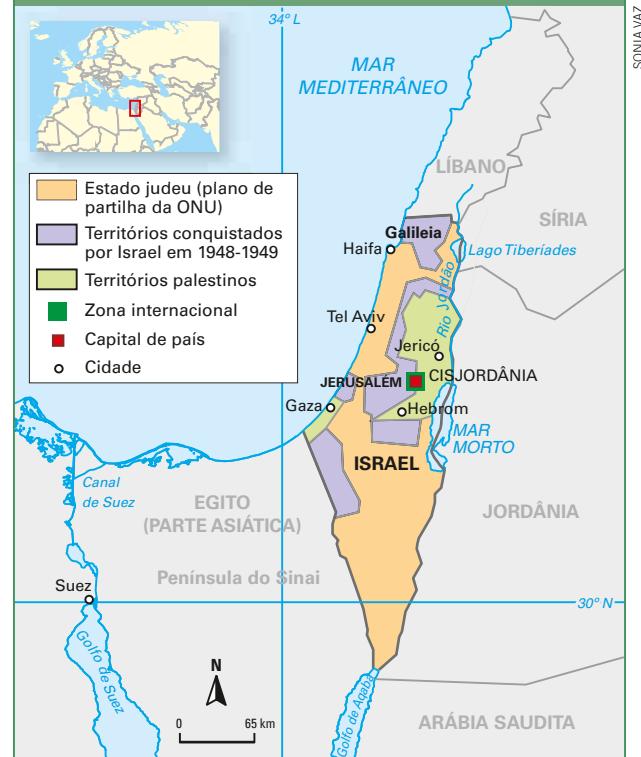
A guerra durou três semanas, e Israel manteve sob seu domínio as conquistas da Guerra dos Seis Dias. Em 1979, Israel concordou em devolver ao Egito a Península do Sinai, mediante o **Acordo de Camp David**, intermediado pelos Estados Unidos.

• Questão palestina

As guerras envolvendo árabes e israelenses expulsaram milhares de palestinos de suas terras, que se refugiaram em acampamentos no Líbano, na Síria, no Egito e na Jordânia.

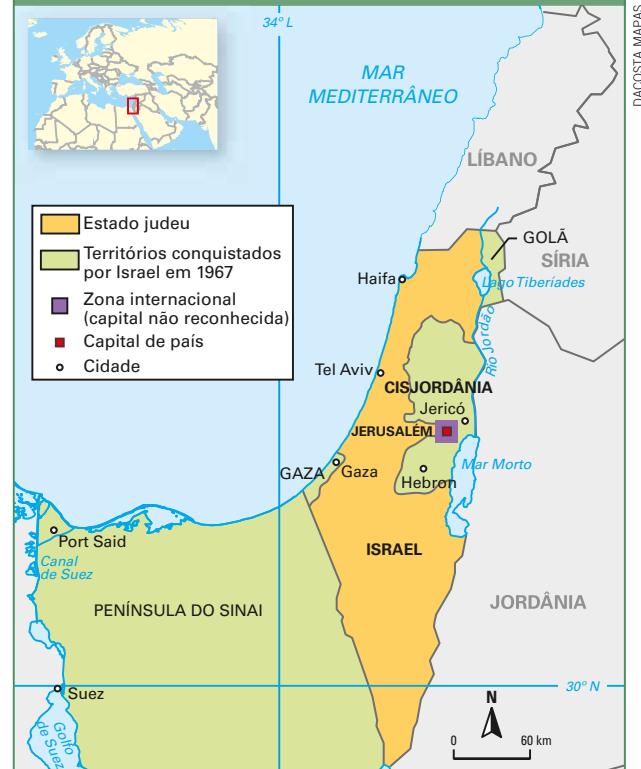
Desorganizados, espalhados por diversos países e enfraquecidos militarmente, os palestinos criaram várias organizações terroristas para lutar contra o Estado de Israel, entre elas a **Al Fatah**, em 1959, e a **Organização para a Libertação da Palestina (OLP)**, em 1964.

Figura 22. Israel e Palestina após a primeira Guerra Árabe-Israelense – 1949



Fonte: KINDER, H.; HILGUEMANN, W. *Atlas histórico mundial*. Madri: Istmo, 2006. p. 278.

Figura 23. Israel após a Guerra dos Seis Dias – 1967



Fonte: KINDER, H.; HILGUEMANN, W. *Atlas histórico mundial*. Madri: Istmo, 2006. p. 278.

¹⁰ O Yom Kippur, ou Dia do Perdão, é um feriado judaico reservado para reparar os pecados do ano anterior.

Em 1969, **Yasser Arafat** (1929-2004), palestino nascido no Egito, assumiu a presidência da OLP. Até 1987, Arafat utilizava métodos extremistas – atos de terrorismo – para alcançar seus objetivos. No final desse ano teve início a primeira **Intifada** na Cisjordânia contra a ocupação de suas terras por Israel, que terminou em 1993 com o Acordo de Oslo. Em 14 de dezembro de 1988, o líder da OLP apresentou um plano de paz na Assembleia Geral da ONU, no qual reconhecia o Estado de Israel.

Esse acontecimento marcou o início da fase diplomática de negociações com Israel intermediadas pelos Estados Unidos. Em 1993, após negociações secretas na Noruega, Arafat e o primeiro-ministro israelense, **Yitzhak Rabin** (1922-1995), assinaram um acordo de paz na Casa Branca, Estados Unidos, que ficou conhecido como **Acordo de Oslo** (figura 24).

Por esse acordo, a Faixa de Gaza e parte da Cisjordânia – incorporadas por Israel, em 1967, na Guerra dos Seis Dias – foram devolvidas aos palestinos e se tornaram regiões autônomas. Foi criada, também, a **Autoridade Nacional Palestina (ANP)**, entidade liderada por Arafat, com sede em Ramallah, na Cisjordânia. A ANP passou a ser a representação legal dos palestinos e responsável pela administração dos seus territórios. Em setembro de 1995, um novo acordo estendeu a autonomia a outras 456 cidades da Cisjordânia.



Intifada

Significa revolta ou levante. Assim ficaram conhecidas popularmente as manifestações por meio da qual a população saí às ruas armada com pedras que são lançadas contra os tanques e os soldados israelenses.

LEITURA

Palestina: uma nação ocupada

Joe Sacco. Conrad, 2014.

Reportagem em quadrinhos sobre as causas e a situação palestina.

• Retomada e intensificação dos conflitos

No final da década de 1990, as negociações entre Israel e a ANP tornaram-se extremamente difíceis. Em 2000, Ariel Sharon (1928-2014), que no ano seguinte seria escolhido primeiro-ministro de Israel, visitou a Esplanada das Mesquitas (local mais sagrado para os muçulmanos em Jerusalém), provocando a segunda **Intifada** (figura 25, na página seguinte).

Até o final da década de 1990, os ataques palestinos restringiam-se a atentados terroristas organizados por grupos de guerrilha. No entanto, a reação violenta do exército israelense, que também promoveu massacres como resposta aos atentados, levou a população palestina a participar ativamente da luta contra o Estado de Israel.

A partir desse acontecimento, instaurou-se uma espiral de violência: de um lado, atentados suicidas provocados por grupos radicais palestinos contra israelenses; de outro, retaliações a essas agressões, com ações militares promovidas pelo exército israelense. Israel colocou o exército dentro do território da ANP e passou a retaliar todos os suspeitos de integrar grupos terroristas, promovendo, ao mesmo tempo, ataques à população civil palestina.

Figura 24. O presidente dos Estados Unidos Bill Clinton (centro) recebe o primeiro-ministro Yitzhak Rabin (à esquerda) e o líder da OLP Yasser Arafat (à direita) para a assinatura do Acordo de Oslo, em setembro de 1993.

FILME

Paradise now

De Hany Abu-Assad.
Alemanha/França/Holanda/
Israel/Palestina, 2005.

90 min.

O filme mostra a trajetória de dois amigos palestinos que são selecionados por um grupo terrorista para praticarem um atentado suicida em Tel Aviv, capital de Israel.



OSAMA SILWAD/REUTERS/LATINSTOCK

Figura 25. Manifestante palestino atira pedras em jipes do exército israelense nos arredores de Ramallah (capital da Cisjordânia) durante a segunda Intifada, 2001.

• Limites às negociações de paz

Em 2003, contando com o apoio da ONU, da União Europeia, dos Estados Unidos e da Rússia (**Quarteto de Madri**), líderes palestinos e judeus reuniram-se na capital espanhola para estabelecer um novo acordo de paz proposto, chamado de **Mapa do Caminho**. As metas previstas pelo acordo não tiveram o encaminhamento esperado devido à forte oposição de grupos radicais (judeus e palestinos) e dos obstáculos impostos pelos Estados Unidos e pelo governo israelense, que alegavam que Yasser Arafat era um interlocutor pouco confiável e pouco empenhado em controlar as ações de grupos terroristas.

Com a morte de Arafat em 2004, a ANP passou a ser presidida por **Mahmoud Abbas** (1935-), eleito num processo livre e democrático, no início de 2005.

As ações de Abbas foram pautadas pelas negociações com o governo de Israel e com os grupos radicais palestinos com o objetivo de retomar e avançar as questões traçadas pelo Mapa do Caminho. Essas negociações levaram à retirada dos assentamentos judaicos da Faixa de Gaza e de uma pequena parte da Cisjordânia.

Apesar disso, o governo de Israel insistiu em dar continuidade à **construção de um muro** que separa Israel da parte da Cisjordânia controlada pelos palestinos. O muro inviabiliza a demarcação das fronteiras acertadas pelo Mapa do Caminho: confisca cerca de 50% das terras situadas na Cisjordânia e anexa a Israel os assentamentos judaicos construídos nos territórios ocupados. Além disso, Israel incorporou todo o vale do Rio Jordão, a única fonte de abastecimento de água da região (situado na zona tampão, junto à fronteira com a Jordânia e controlada por Israel).

Existem ainda outros impasses para se atingir uma paz duradoura. Um deles é como ficaria a situação de Jerusalém. Israel a declara capital indivisível do país; já os palestinos não abrem mão de incorporá-la a um futuro Estado da Palestina. O extremismo de grupos judeus e palestinos, contrários a qualquer processo de negociação, constitui outro obstáculo.

Em 2006, o **Hamas** conquistou legitimamente o poder na faixa de Gaza e manteve a posição de não reconhecimento do Estado de Israel e a oposição a qualquer negociação de paz, dividindo a administração palestina: o **Hamas** passou a controlar a faixa de Gaza e o **Fatah**, de Mahmoud Abbas, apenas as terras palestinas da Cisjordânia. Leia o *Entre aspas*.

ENTRE ASPAS

Hamas

Hamas é a abreviatura em árabe para o Movimento de Resistência Islâmica. Foi criado em 1987, após o início da primeira intifada, com a finalidade de travar a luta armada contra Israel e promover programas de assistência social aos palestinos. Em 2005, conquistou o poder democraticamente em Gaza e a controla até hoje. O grupo é considerado uma organização terrorista por Israel, Estados Unidos, União Europeia e outros países do mundo.



Protestos no muro da Cisjordânia

A construção do muro por Israel vem sendo criticada por diversos setores da sociedade palestina e mundial. Palestinos e israelenses, e pessoas de diferentes partes do mundo, também fazem seu protesto por meio da arte. Trechos do muro da segregação foram transformados num imenso painel, onde os artistas e pessoas em geral se manifestam.

Neste trecho do muro foi colado, sobre pichações

de protestos, um grande painel inspirado no quadro *Guernica* (1937), de Pablo Picasso (1881-1973).

Guernica, assim como a obra colada no muro, traz elementos da sintaxe cubista (a forma como os elementos são dispostos na obra e as relações que estabelecem entre si): imagens fragmentadas, decompostas e distribuídas em planos sobrepostos na tela, quebrando totalmente a noção de perspectiva.



Painel no muro da Cisjordânia, 2008.

1. A obra de Picasso faz referência a qual contexto histórico? Discuta a analogia desse contexto com o do painel colocado no muro construído por Israel.
2. A linguagem cubista, descrita acima, dá um sentido às situações reais apresentadas nessas obras. Explique.

A partir de 2009 aos dias atuais, o primeiro-ministro de Israel Benjamin Netanyahu (1949-) entravou as negociações com a ANP ao permitir a ampliação dos assentamentos judaicos na Cisjordânia, o que inviabiliza a formação de um território palestino contínuo. O governo de Barack Obama posicionou-se contrário às ações de Netanyahu e, pela primeira vez, os Estados Unidos endossaram a posição palestina nas negociações de paz, no que diz respeito à interrupção dos assentamentos judaicos.

Em 2012, a ONU alterou o *status* da Palestina de “Entidade observadora” para “Estado observador não membro”. Israel e Estados Unidos estão entre os países que votaram contra a decisão que de certa forma reconhece o Estado Palestino no Oriente Médio. Foi uma importante vitória diplomática, embora simbólica, de Mahmoud Abbas. Mesmo com a mudança de *status*, a Palestina continua não tendo direito a voto na ONU, mas poderá participar da Assembleia Geral da ONU, além de entrar com ação no Tribunal Penal Internacional contra Israel (figura 26).



NASSER SHOUKRI/AP PHOTO/GLOW IMAGES

Figura 26. Manifestação comemora o novo *status* palestino de “Estado observador não membro” na ONU, em Belém (Palestina), 2012.

• Questão curda

Outro conflito étnico-nacionalista no continente asiático envolve uma nação cuja população se encontra distribuída por seis países (veja a seção *Olho no espaço* na página seguinte). Trata-se dos **curdos**, que constituem a maior nação do mundo **sem Estado**, somando cerca de 30 milhões de pessoas, das quais mais de 14 milhões vivem na **Turquia**¹¹.

Os curdos têm raízes muito remotas no Oriente Médio, na antiga Mesopotâmia. Apesar de serem um povo islâmico, mantêm suas próprias tradições e costumes e habitam a região conhecida como **Curdistão** há mais de 2.600 anos. Os curdos têm uma longa história de marginalização e perseguição, especialmente no Iraque e na Turquia.

O ex-ditador iraquiano Saddam Hussein (1937-2006) ordenou a matança de milhares de curdos e autorizou, nesse massacre, o uso de armas químicas, após a Guerra do Golfo de 1991. Na guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, os curdos colaboraram com a coalizão na luta contra as tropas iraquianas e conquistaram autonomia nas terras que ocupam ao norte do Iraque. Desde 2014, suas terras foram invadidas pelo **Estado Islâmico**¹², transformando os curdos em importante força de combate a esse grupo terrorista no Oriente Médio.

Na Turquia, o ensino da língua curda nas escolas é proibido, assim como a comemoração de suas datas nacionais. A luta pela formação de um Curdistão independente sempre foi duramente reprimida pelos sucessivos governos turcos. Por outro lado, grupos guerrilheiros ligados ao **Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK)** promoveram uma série de atentados com o objetivo de desestabilizar o governo e conquistar a independência.

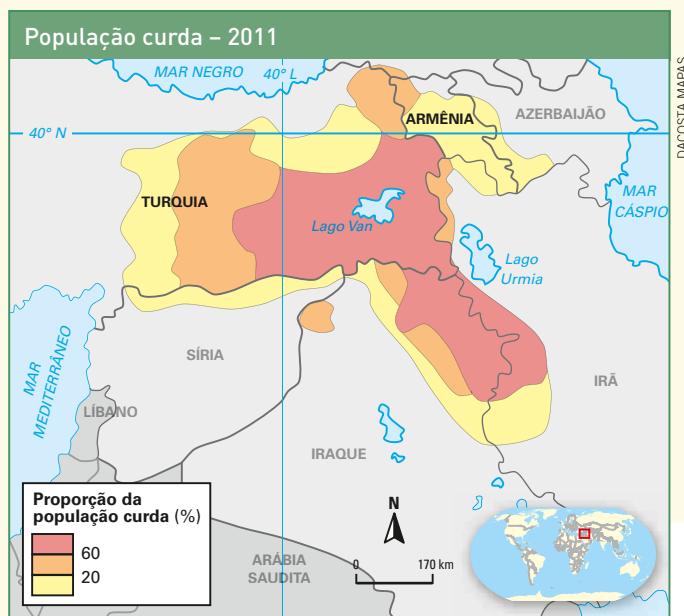
11 Cia World Factbook, 2014 e Conselho de Relações Exteriores (CFR).

12 Sobre o Estado Islâmico, veja o Capítulo 3.



Curdistão

Observe o mapa e responda à questão.



Fonte: SMITH, Dan. *Atlas dos conflitos mundiais*. São Paulo: Nacional, 2007. p. 62; Institute Kurde de Paris. Disponível em: <www.institutekurde.org>. Acesso em: fev. 2016.

- Quais peculiaridades geográficas dificultam a constituição de um país curdo?

• Síria

Em 2011, a Síria foi um dos países envolvidos na onda de movimentos pró-democracia desencadeada em vários países árabes contra os seus regimes ditatoriais, conhecidos como **Primavera Árabe**. As reivindicações comuns a todos esses movimentos apontavam para maior participação popular na política, para eleições livres, por liberdade de expressão, para o combate à corrupção e ao desemprego.

Poucos esperavam que a Síria se envolvesse nesses movimentos. No entanto, em 2011, as forças de segurança do governo sírio abriram fogo numa mesquita em Deraa, cidade do sul da Síria, onde se discutia a respeito da prisão de jovens responsáveis por pichações feitas contra o ditador sírio **Bashar al-Assad**. O **massacre em Deraa** desencadeou uma série de manifestações antigoverno e transformou-se numa guerra civil. A oposição ao regime se fortaleceu com a formação do **Exército Livre da Síria**.

A **guerra civil Síria** adquiriu contornos de conflito étnico-religioso, ao opor os principais grupos que habitam o país. Bashar al-Assad pertence ao grupo **alauita** (uma das vertentes do **islamismo xiita**) e é apoiado por seus integrantes que representam apenas 10% da população. Outros grupos também minoritários apoiam o regime: os **cristãos ortodoxos** (10%) e os **drusos** (3%). Essas minorias foram privilegiadas durante a ditadura da dinastia Assad¹³. Formaram o grupo social mais rico e preencheram os principais postos de comando do Estado sírio e do Partido Baath (partido único do regime). Em contraste, a maioria da população de origem sunita, entre eles a maior parte dos curdos, representava mais de 70% da população do país e é socialmente discriminada. Esses grupos não se sentem representados dentro do regime.

¹³ Em 1970, o ministro da defesa, Hafez al-Assad, promoveu um golpe de Estado na Síria e elegeu-se presidente do país no ano seguinte. Permaneceu no poder por 30 anos e foi sucedido, após a sua morte em 2000, pelo seu filho Bashar al-Assad.

Os países do Ocidente (Estados Unidos e União Europeia) e da **Liga Árabe** opuseram-se ao governo sírio e trabalharam para a sua deposição não só em função da violência contra a população, promovida pelo Estado e suas milícias armadas, mas pelo fato de Assad representar um governo contrário aos seus interesses na região. Apesar de esses países estabelecerem pesadas sanções econômicas unilaterais¹⁴ contra a Síria, o governo de Assad contou com importantes alianças que lhe permitiu evitar o total isolamento do país: o **Irã** no Oriente Médio, predominantemente xiita e seu tradicional aliado; a **China** e a **Rússia**, membros do Conselho de Segurança, que lhe deram cobertura diplomática na ONU.

A Rússia tem interesses importantes a serem preservados. Desde a década de 1970, instalou uma base naval em **Tartus** e, em 2015, uma base aérea em **Latakia**, cidades sírias do Mediterrâneo. Os russos têm empresas de exploração e distribuição de gás natural no país. Mantêm fortes relações comerciais com o governo sírio e grande exportação de armamentos. Veja a figura 27.



Figura 27. Caças russos na pista da base militar russa na província de Latakia, no noroeste da Síria, em 16 de fevereiro de 2016.

Até o final de 2015, a Síria vivia um impasse: o regime e as forças de oposição permaneciam em combate. Mas outros ingredientes tornaram o desfecho da guerra civil incerto. Rússia e forças de coalizão lideradas pelos Estados Unidos apoiam forças diferentes no conflito. Enquanto a coalizão dá suporte aos rebeldes sírios contrários a Bashar al-Assad, o governo russo apoia o presidente. No entanto, todos têm como alvo comum o Exército Islâmico estabelecido em terras do Iraque e da Síria. Veja figura 28.



Figura 28. Soldado carrega criança após ataque aéreo russo em Aleppo (Síria), 2015.

¹⁴ As sanções na ONU foram barradas pelo Conselho de Segurança pelo voto da China e da Rússia.

CONFLITOS SEPARATISTAS NA CHINA

Dos cerca de 1 bilhão e 370 milhões de habitantes da China, mais de 90% pertencem à etnia **han**. No entanto, outras 55 etnias que representam menos de 10% da população total do país ocupam mais da metade do território, especialmente em regiões que atingem grandes dimensões nas áreas desérticas e montanhosas do oeste e norte do país. Em algumas províncias dessa região, a população original e majoritária considera o povo chinês um ocupante ilegítimo e luta por sua independência e autonomia (figura 29).

Figura 29. China: grandes regiões geográficas – 2015



Fonte: OLIC, Nelson B.; CANEPA, Beatriz. *Geopolíticas asiáticas*. São Paulo: Moderna, 2007. p. 13. Consulado da China nos Estados Unidos, 2015. Disponível em: <<http://guangzhou.usembassy-china.org.cn>>. Acesso em: fev. 2016.

• Tibet

O Tibet é uma vasta região situada a sudoeste do território da **China**. Apesar de ter constituído um **Estado independente** entre **1911 e 1950**, a China alega que o Tibet faz parte do seu território desde o século XIII. Os tibetanos afirmam que o domínio chinês na região não foi constante nem contínuo.

No ano posterior à Revolução Socialista de 1949, a região foi novamente anexada pela China Popular. Antes institucionalizado como Estado **teocrático**, o Tibet, sob o domínio chinês, passou por grandes transformações, como a supressão do poder da aristocracia religiosa e civil, a abolição da servidão rural e da escravidão doméstica e a redistribuição de terras. Além disso, o planalto tibetano e a cidade de Lhasa, capital dessa província autônoma, receberam um grande contingente de migrantes chineses de origem han.

A reação diante da anexação, durante a década de 1950, colocou em confronto as forças de ocupação e parte da população tibetana separatista, organizada no Exército de Defesa da Religião, que atacou a todos que apoiavam a incorporação do Tibet à China Popular. No entanto, essa reação foi esmagada pelo exército vermelho de Mao Tsé-Tung (1893-1976). O líder espiritual tibetano, Dalai Lama, exilou-se, em 1959, na cidade indiana de Dharamsala, onde vive até hoje.

Em 1989, uma onda de movimentos pela democratização do regime chinês foi acompanhada por uma nova revolta separatista de monges budistas e de civis. O governo chinês, além de impor a **lei marcial**, restringiu a relativa autonomia religiosa e cultural ainda presente no Tibet (figura 30, na próxima página).

Teocracia

É um governo exercido por uma autoridade divina representada por homens. Nas teocracias, os líderes do governo são membros do clero e o sistema jurídico do Estado estabelece suas leis com base na religião.

Lei marcial

Situação especial em que o Estado passa a ser gerido momentaneamente por uma autoridade militar. A lei marcial cria um Estado de exceção – restrição das liberdades civis, imposição do toque de recolher, poder de deter os cidadãos sem acusação formal etc. – que assegura poderes ao governo de tomar decisões e ações necessárias para garantir a ordem e a segurança.



BEN PRUCHNIE/GETTY IMAGES

Figura 30. Homem protesta com o slogan “Tibet Livre” durante uma visita do presidente chinês Xi Jinping, em outubro de 2015, em Londres (Inglaterra).

Em 2008, novas manifestações levaram monges e jovens separatistas às ruas em Lhasa, Drepung, Sera, Gansu e Gamden, locais onde se situam importantes monastérios. Apesar da recomendação do Dalai Lama para que empregassem uma estratégia de luta apoiada na não violência e centrassem suas reivindicações na autonomia, os rebeldes tibetanos insistiram em sinalizar sua luta pela independência com ataques a cidadãos civis de origem chinesa e a autoridades alinhadas com o governo de Beijing. Mais uma vez, o Estado chinês reprimiu os manifestantes com violência. Na ocasião, a atenção mundial estava focada na China, em função da olímpíada ali realizada no mesmo ano, fato que ampliou negativamente a repercussão dos acontecimentos e da repressão ocorridos nessa região autônoma.

• Xinjiang

A província autônoma de Xinjiang está situada ao norte do Tibet e no noroeste do território chinês. Ocupada originalmente por muçulmanos da **etnia uigure**, foi anexada pela China no século XIX, e hoje corresponde a 15% do seu território. A terra dos uigures passou a ter importância econômica estratégica com a descoberta de grandes reservas de petróleo, correspondendo à terça parte das reservas existentes em toda a China.

O partido comunista utilizou em Xinjiang a mesma política de ocupação empregada no Tibet: estimulou a migração de colonos chineses para que estes suplantassem numericamente os uigures. Em 1949, a etnia han representava apenas 6% do total da população de Xinjiang. Em 2010, os chineses da etnia han representavam 41% da população, pouco menos que os 45% formados pela população uigure. Em Urumqi, capital da província, a população majoritária é han.

O objetivo dessa política migratória foi assegurar o controle do território e inibir qualquer iniciativa separatista, pois os uigures são mais ligados cultural e etnicamente à Ásia Central do que à China. No entanto, o movimento separatista ganhou força após a independência das ex-repúblicas soviéticas em 1990, situadas em sua fronteira: o Cazaquistão, o Tadziquistão e o Quirquistão. Na última década, o movimento separatista promoveu uma série de ataques às tropas de ocupação chinesas, aos serviços públicos e à população civil han.

As ações do governo chinês em relação à população uigure são responsáveis pelo recrudescimento dos conflitos étnicos locais e pelo crescimento do número de adeptos do separatismo. Dentre as mais desaprovadas estão a discriminação contra os habitantes originais, os privilégios dos han nos empregos públicos e o boicote às práticas culturais e religiosas da população uigure.

PONTO DE VISTA

O diário de Zlata

“Quinta-feira, 18 de junho de 1992

Dear Mimmy,

Outra notícia péssima hoje. Nossa casa de campo em Crnotina, nossa torre de quase cento e cinquenta anos, queimou. Desapareceu no meio das chamas exatamente como o correio. Eu gostava tanto daquela casa! No ano passado passamos férias lá. Eu adorava ir para lá, me divertia muito. Como eu ficava feliz quando íamos para lá. E a restauração estava tão bem-feita: móveis novos, tapetes novos, janelas novas. Havíamos posto nela todo o nosso amor, todo o nosso calor, e ela nos recompensava com sua beleza. Ela havia atravessado tantos anos, tantas guerras, e agora... não resta mais nada. Queimou de alto a baixo. Ziga Mehó e Becir, vizinhos nossos, morreram. E isso é ainda mais triste. A casa de Vildana também queimou. Todas as casas estão queimando. Morre um montão de gente. São notícias terrivelmente tristes.

Busco a razão disso tudo. Por quê? Quem é o responsável? Procuro, mas não encontro. Só o que sei é que estamos nos enterrando na desgraça. E também que a responsável por tudo isso é a política. Eu disse antes que a política não me interessava, mas para encontrar a resposta a minhas perguntas seria necessário, apesar de tudo, que eu entendesse um pouco de política. Adivinho algumas coisas, mas muitas outras algum dia vou aprender e compreender. Papai e mamãe nunca me falam de política. Sem dúvida eles acham que ainda sou muito pequena, ou então eles também não entendem nada. Eles só me dizem: ‘Um dia isso acaba – um dia isso deve terminar’.

Domingo, 15 de novembro de 1992

Dear Mimmy,

É terrível o número de pessoas que foram embora de Sarajevo. Todas as pessoas famosas. ‘É Sarajevo que está indo embora’, disse mamãe. E um monte de gente que papai e mamãe conheciam. Falamos com muitas dessas pessoas e na hora de ir embora elas disseram: ‘Com certeza um dia a gente se encontra de novo em algum lugar’. Foi triste. Triste e comovente. Esse dia 14 de novembro em Sarajevo vai ficar na memória. Me lembra os filmes que vi sobre os judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Quando voltamos para casa, a eletricidade tinha sido ligada. Papai desceu imediatamente para o porão com a serra elétrica para cortar lenha. De repente vimos ele subir as escadas correndo, com as mãos cheias de sangue. Era muito sangue que escorria. Mamãe foi com ele na hora para o centro de atendimento e de lá eles tiveram que ir para o hospital. No hospital costuraram o corte e aplicaram uma injeção antitetânica, agora ele vai ter que passar no hospital de três em três dias para ver como a coisa evolui. Teve sorte. Podia ter cortado o dedo fora. Um momento de distração, disse, porque mentalmente ele continuava na frente do prédio da Comunidade Judaica, de onde saem as pessoas que vão embora de Sarajevo. Os conhecidos vão embora e nossa cidade está perdendo um monte de gente fantástica, gente que fez de Sarajevo o que ela era. É a guerra que as expulsa, é a burrice que existe aqui há mais de sete meses e meio.”

FILIPOVIC, Zlata. *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 67-68.

- Zlata, uma menina residente em Sarajevo, começou a escrever o seu diário (ao qual deu o nome de Mimmy) em 1991, quando tinha 11 anos de idade. Nele, registrou episódios da Guerra da Bósnia entre os anos de 1992 e 1993, relatando o cotidiano e as tensões geradas pelo conflito.

De que forma você explicaria as questões levantadas por ela em seu diário: “Busco a razão disso tudo. Por quê? Quem é o responsável?”?



- Leia o trecho do artigo publicado em julho de 2011, no jornal *Folha de S.Paulo*.

“Sob o olhar preocupado da comunidade internacional, nasce hoje o 193º país do mundo.

Devastado por décadas de guerras civis, [...] partilhará com Somália e Afeganistão os piores indicadores sociais do planeta.

‘É um momento histórico, mas os desafios são gigantescos’, afirma Erwin van der Borght, diretor da Anistia Internacional para África.

O país é o lugar no mundo onde mais morrem grávidas e recém-nascidos, e 90% das mulheres são analfabetas.”

MONTENEGRO, Carolina. *Folha de S.Paulo*, 9 de jul. 2011. p. A20.

- A qual país o texto faz referência?
- Qual o principal recurso econômico e problema que o novo país enfrenta para a sua viabilização econômica?

- Leia o texto.

Caldeirão de conflitos

“A província tornou-se uma caldeira de tensões étnicas, políticas e religiosas, que cresceram até o ponto em que militantes muçulmanos radicais, frequentemente financiados pelo governo paquistanês, passaram a cometer atrocidades, combatidas por um Exército indiano não menos tirânico e irracional.”

Revista *Veja*. 22 jun. 2005. p. 80.

- Cite o nome da região descrita no texto e descreva como ela está dividida.
 - Explique o motivo da permanente tensão na parte indiana dessa região.
 - Por que o conflito é motivo de tensão internacional?
- Identifique as regiões assinaladas com as letras A e B e aponte os problemas comuns que apresentam.



Fonte: LACOSTE, Yves. *Géopolitique: la longue histoire d'aujourd'hui*. Paris: Larousse, 2008. p. 176.

ENEM E VESTIBULARES

- (Enem 2005) Um professor apresentou os mapas a seguir numa aula sobre as implicações da formação das fronteiras no continente africano.

Divisão política



MAPAS: DACOSTA MAPAS

Divisão étnica



Fonte: Atualidades/
Vestibular 2005, 1ª sem.,
Abril, p. 68.

Com base na aula e na observação dos mapas, os alunos fizeram três afirmativas:

- A brutal diferença entre as fronteiras políticas e as fronteiras étnicas no continente africano aponta para a artificialidade em uma divisão com objetivo de atender apenas aos interesses da maior potência capitalista na época da descolonização.
- As fronteiras políticas jogaram a África em uma situação de constante tensão ao desprezar a diversidade étnica e cultural, acirrando conflitos entre tribos rivais.
- As fronteiras artificiais criadas no contexto do colonialismo, após os processos de independência, fizeram da África um continente marcado por guerras civis, golpes de estado e conflitos étnicos e religiosos.

É verdadeiro apenas o que se afirma em

- I.
- II.
- III.
- I e II.
- II e III.